

ARTIGO

Do INTRA- ao INTERDISCURSO: o caso dos conectivos*

From INTRA- TO INTERDISCOURSE: the case of “connectives”

João Carlos Cattelan 

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, PR, Brasil

E-mail: jcc.cattelan@gmail.com

RESUMO: As correntes de estudos da linguagem que dão atenção para o funcionamento dos, assim-denominados, conectivos, conjunções ou operadores partem do pleito geral de que eles estabelecem relações de sentido entre os segmentos que unem. No entanto, sob este primado, essas relações seriam construídas a partir do confronto das “proposições” postas em jogo, quando (eis a hipótese deste estudo) elas se devem a um terceiro elemento que, “implicitamente”, conduz a articulação e a produção do efeito resultante. Com o objetivo de defender este postulado, valho-me da seleção de alguns casos de uso de conectivos e dos conceitos de *intradiscurso*, *interdiscurso* e *interpelação ideológica*, cunhados sob o ponto de vista da Análise de Discurso de linha francesa fundada por Michel Pêcheux.

PALAVRAS-CHAVE: Conectivos, Intradiscurso, Interdiscurso, Interpelação Ideológica, Silogismo.

ABSTRACT: The language studies focused on the functioning of the so-called connectives, conjunctions or operators are based on the legitimate general claim that these elements establish relations of meaning between the segments they unite. However, under this primacy, these relationships would be built based on the confrontation of the “propositions” taken into account, when, in fact (and here lies the hypothesis of this study), they are due to a third element, which, “implicitly”, drives the articulation and production of the resulting effect. With the aim to defend this postulate, I examine some cases of use of connectives and the concepts of intra-discourse, interdiscourse and ideological interpellation, coined from the point of view of French Discourse Analysis founded by Michel Pêcheux.

KEYWORDS: Connectives, Intra-discourse, Interdiscourse, Ideological Interpellation, Syllogism.

COMO CITAR

CATTELAN, João Carlos. Do INTRA- ao INTERDISCURSO: o caso dos conectivos. *Revista da Anpoll*, v. 55, e1928, 2024. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v55.1928>

*Estudo desenvolvido com financiamento da Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná (FA).

EDITORAS-CHEFE: Andréia Guerini | Mailce Mota

RECEBIDO: 11/10/2023; ACEITO: 01/02/2024



Este trabalho está licenciado sob a *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional.

1 Introdução

No gesto de ruptura epistemológica com a Linguística Estrutural, com as “Ciências Sociais” e com a Teoria da Comunicação (em termos gerais, com a Análise de Conteúdo) e de teorização do *discurso* como objeto de estudo, em linhas gerais, entendido como a textualidade submetida a condições de produção, Michel Pêcheux postulou a articulação interdisciplinar entre o Materialismo Histórico, a Psicanálise e a Linguística, refletindo sobre a contribuição de cada um para a teoria nascente sobre a linguagem como campo do simbólico e, portanto, contra a univocidade, a homogeneidade e a transparência especular do sentido, dado o fato de que, para o filósofo, não há “uma unidade do espírito humano” ou “disso que chamamos de a sociedade” (2011 [1973], p. 208), mas “*clivagem* entre várias maneiras de falar, várias maneiras de entender-se ou de não se entender” (2011 [1973], p. 208, grifo meu).

Do Materialismo Histórico viria, sobremaneira, a reflexão sobre as *condições sócio-históricas de produção* do discurso, sobre a ideologia como *interpelação* do indivíduo em sujeito e, sobretudo, sobre a *historicidade* do sentido, em face da impossibilidade (como já dito) de postular uma unidade do espírito humano, como sustentada pelo idealismo e/ou racionalismo cartesiano, ou uma unidade da sociedade, considerada como homogênea em face da suposta homogeneidade da língua. Os dois postulados de homogeneidade são refutados pelo filósofo por meio do conceito de *clivagem*, que atenta para o caráter constitutivo da linguagem como campo de conflitos, contradições, deslizamentos e deslocamentos. No tocante a este vértice da teoria, Pêcheux deixou reflexões bastante amadurecidas.

No tocante à Psicanálise, as reflexões do francês trazem resultados e indicações bastante equacionados, materializadas na concepção de inconsciente como *recalque ideológico*, de *assujeitamento*, de *esquecimento* e de constituição de uma *subjetividade não-subjetiva*, em face da interpelação pelo Outro e pelo Sujeito, o que significa postular que a Ideologia, por meio do Outro e do Sujeito, erige o indivíduo em sujeito por meio do outro como cúmplice e conivente, ambos pautados num mesmo imaginário, que cria efeitos de literalidade e de transparência da linguagem, denegando, por decorrência, a especificidade do simbólico.

É sobre a Linguística que o autor se confessa limitado, embora tenha logrado fazer deslocamentos importantes, ao afirmar “não (conhecê-la) ainda suficientemente” (2011 [1973], p. 221). Para ele, porém, “conseguimos interessar certo número de linguistas nesse problema” (2011 [1973], p. 221), a saber, sobretudo que, para a Teoria do Discurso, é imperativo perceber que “estamos necessariamente frente a um material de natureza verbal que tem propriedades ligadas ao tempo do discurso, portanto, nem ao tempo histórico, nem ao tempo da realização” (2011 [1973], p. 221). Este é, até onde é possível acompanhar, o terreno em que o filósofo menos investiu em face de sua formação, produzindo, contudo, reflexões relevantes sobre a noção saussuriana de valor, as orações relativas, a metáfora e a metonímia, dentre outros ingredientes, que trazem algumas orientações alinhadas com o ponto de vista discursivo.

É sobre este terceiro pilar de constituição da Análise de Discurso que pretendo realizar este estudo, tomando como *corpus* de pesquisa os, assim-nominados, conectivos ou conjunções, numa perspectiva gramatical, operadores argumentativos, para a Semântica Argumentativa e a Retórica, ou recursos de coesão sequencial para a Linguística Textual. O objetivo é, sobretudo, refletir sobre estes ingredientes do “*imaginário linguístico* (corpo verbal)” (Pêcheux, 1995,

p.177, grifos do autor) sob uma perspectiva discursiva, buscando verificar em que medida a sua presença no *intradiscurso* remete, *interdiscursivamente*, ao já-estabelecido enquanto sentido a ser retomado e ratificado, fazendo-o por meio de relações interfrásticas, cuja articulação só se justifica à luz do discurso que lhes dá sustentação e permite as relações construídas.

Se, para a gramática tradicional, de cunho lógico-filosófico, os conectivos se destinam a materializar, linguisticamente, relações de sentido estabelecidas pelo pensamento, a partir de uma pretensa homogeneidade entre o pensar e falar; se, para a semântica argumentativa, para a pragmática linguística ou para a retórica, esses ingredientes verbais cumprem a finalidade de impor determinadas conclusões sobre o interlocutor; se, para a Linguística Textual, tais recursos atendem ao objetivo de permitir o encadeamento dos segmentos textuais que se amarram entre si, permitindo a obtenção de uma unidade de sentido numa situação comunicativa; para a Análise de Discurso, ele constituem o retorno do já-dito ou do impensado, que sustentam a articulação e, à sombra, conduzem e determinam que as relações se façam de um ou de outro modo. É sob esta última perspectiva que este trabalho é conduzido.

Trata-se, pois, de um estudo que não tem como finalidade uma descrição estrutural ou sistêmica, mas a observação de como estes elementos materializam, no discurso, “a ascendência dos processos ideológico-discursivos sobre o sistema da língua” (Pêcheux, 1995, p. 177). Para o autor, em *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1995, p. 176), no caso da Teoria do Discurso, “fica por fazer a teoria do corpo verbal”, sendo que tenho como objetivo contribuir, pondo o foco pontualmente sobre o fenômeno linguístico indicado.

Antes, preciso fazer um alerta: este trabalho é o primeiro de um conjunto que toma os “conectivos” como objeto, devendo cada etapa dobrar-se sobre um deles (aditivo, adversativo, conclusivo, condicional...). Neste caso, contudo, com a função de apresentar a problemática da pesquisa, as materialidades são de diferentes matizes “semânticos”, pois busco demonstrar a ascendência dos processos ideológicos sobre os ingredientes linguísticos tomados como foco de observação nos trabalhos que se seguirão. Neste artigo, para alocar o problema sob a ótica teórica escolhida, lanço mão dos conceitos de *intradiscurso*, *interdiscurso* e *interpelação*, objetivando evidenciar que, sobre os “conectivos”, pesam injunções de natureza não-linguística, embora seja inegável que elas se materializam no discurso, permitindo alcançá-las.

2 Uma Pitada de AD

Na análise de discurso de matriz pecheutiana, uma das teses fundamentais é a de que a subjetividade (não-subjetiva) é resultado do processo de *interpelação* (chamamento) que alça o indivíduo (natural e biológico) à condição de sujeito. Sem pretender que o processo seja cabal e definitivo (terminal) e ocasione um assujeitamento irrevogável, dado que a Ideologia é margeada pela realidade, pelo inconsciente e pela ciência, que rivalizam com os seus ditames, a passagem do indivíduo, enquanto ser único e insubstituível, à condição de sujeito se faz via um conjunto de injunções e de chamamentos que o levam, em total liberdade, a se submeter a este ou aquele parâmetro de compreensão e de leitura de mundo.

Em que pese, porém, a tese de que “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia” (Pêcheux, 1995, p. 157), se colocado na condição de ter que produzir um discurso, ele só pode fazê-lo colocando-se como centro de organização, constituindo a materialidade verbal em

torno do eixo dêitico eu-aqui-agora e “ficcionalizando”, sem que tenha consciência disso, um “efeito *fantástico*” (Pêcheux, 1995, p. 157, grifo do autor) que o filósofo francês designa como “efeito Münchhausen, em memória do imortal barão que se *elevava nos ares puxando-se pelos próprios cabelos*” (1995, p. 157, grifos do autor).

Assumida a tese da *interpelação* e, por decorrência, da subjetividade não-subjetiva, resta o dever de mostrar como ela acontece e de que modo impõe a negação do sujeito como fonte e origem do sentido. Em outros termos, embora a constituição da materialidade verbal, por meio de recursos linguísticos (uso pronominal, flexões verbais, marcadores espaciais, termos avaliativos, dentre outros, e, no caso deste estudo, dos “conectivos”), imponha, um tanto quanto espontaneamente o sujeito como centro do discurso e responsável pelo sentido, este se faz à revelia, sendo tributário de uma exterioridade e anterioridade que o determinam de antemão.

O arrazoado feito até aqui assume o postulado da *interpelação* e conduz, portanto, à defesa de que a ideologia, de acordo com Pêcheux (1995, p. 157, grifo do autor), “recruta sujeitos entre os indivíduos (no sentido em que militares são recrutados entre os civis) e que ela recruta a *todos*”, torna-se necessário “compreender de que modo os ‘voluntários’ são designados neste recrutamento”, o que significa dever trazer à tona de que modo a *interpelação* ocorre e como é possível detectá-la no discurso do sujeito, para o que os conceitos de *intradiscurso* e de *interdiscurso* devem contribuir de forma decisiva. Eis o objetivo deste estudo, que toma como foco de observação a presença de “conectivos” na trama textual/discursiva: no *intradiscurso*.

Por *intradiscurso*, do horizonte teórico em que este estudo se instala, é preciso entender os processos de constituição da materialidade textual/discursiva que resulta, como produto, da “seleção” efetuada pelo sujeito para dar forma ao que “pretende” dizer, devendo lançar mão de procedimentos de montagens sequenciais de ingredientes linguísticos com vistas a constituir uma unidade de sentido, com início, meio e fim, e que é portadora de uma certa pretensão de completude. Em outros termos, a constituição do discurso, como materialidade verbal, exige do sujeito a linearização/sintagmatização de ingredientes linguísticos para se constituir, forçando a criação de uma cadeia sintagmática de dimensão variável, que parece emergir sob a regência da batuta de um sujeito livre de coerções, exceto aquela da sua intenção.

Para os postulados propostos por Pêcheux (1995, p. 166), o *intradiscurso* “provém da linearização (ou sintagmatização) do discurso transversal no eixo do que designamos pela expressão *intradiscurso*” (grifo do autor), ou seja, “o funcionamento do discurso em relação a si mesmo”, isto é, “o conjunto dos fenômenos de ‘co-referência’”, os quais “garantem aquilo que se pode chamar o ‘fio do discurso’, enquanto discurso de um sujeito”. Na iminência de produzir um discurso, o sujeito não tem outra saída que não seja “elaborar” uma trama linguística que se articula entrelaçando o que se diz agora com relação ao que foi dito antes e se dirá depois. Em suma: uma materialidade verbal se articula por meio de relações que se sucedem em busca de um término ou de uma completude, constitutivamente incompleta.

Dado o fato de que o discurso é produzido *ad hoc* por um sujeito específico e que algo que não existia antes (o discurso) passa a existir diante dos olhos/ouvidos de quem o “elabora”, nada parece mais óbvio do que o sujeito ser a fonte geradora do *intradiscurso*, que, “obviamente”, surge com ele: eis o efeito Münchhausen a que Pêcheux se refere e que, de modo espontâneo, impõe a crença de que o sujeito é único, insubstituível, ponto fundante do discurso e pêndulo do sentido. Em outras palavras, o discurso emerge com a “obviedade” que responsabiliza o

sujeito como criador, tornando-o juridicamente passível de sanção em virtude das premissas que professa, o que acontece porque o intradiscurso é tido como sendo determinado cabalmente pela sua interioridade, que estaria submetida às imposições e injunções de um sujeito livre, que arbitra sobre ele, escolhendo e selecionando o que deve fazer parte e o que deve ser rejeitado.

Entretanto, contra o efeito de interioridade autônoma posta sob o controle de um sujeito responsável pela aparência de completude margeada por bordas herméticas, sem brechas para a penetração de vozes outras na tessitura textual/discursiva, acompanhando as formulações de Pêcheux (1995, p. 155), a materialidade do discurso é constitutivamente habitada por uma exterioridade que torna heterogênea a discursividade e rompe, em definitivo, com a “*evidência do sujeito*, como único, insubstituível e idêntico a si mesmo”.

Em última instância, o postulado teórico do filósofo francês alerta para a constatação de que o *intradiscurso* é irremediavelmente atravessado pelo *interdiscurso*, o que significa que a materialidade do discurso se constitui pela clivagem, ou seja, pela “*discrepância* pela qual um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensando ‘antes, em outro lugar, independentemente’” (1995, p. 156, grifo do autor); eis o *interdiscurso* que, se percebido (como deve ser), destrói a “*ilusão de autonomia do pensamento com relação ao inconsciente*” (1995, p. 175) do recalque ideológico, no caso do discurso. Em suma, do ponto de vista da análise de discurso pecheutiana, o intradiscurso é determinado pelo interdiscurso em face da interpelação de que o indivíduo/sujeito é o lugar.

Para Pêcheux (1995, p. 156), a discrepância provocada pela “*estranheza familiar desse fora* situado antes, em outro lugar, independentemente, e o sujeito identificável, responsável, que dá conta dos seus atos” ocorre por meio da contradição, “*quer o sujeito, em toda sua ignorância, submeta-se a ela, quer, ao contrário, ele a apreenda por meio de sua ‘agudeza de espírito’ e pode se manifestar na ‘contradição sofrida (isto é, a ‘estupidez’)*” ou na “*contradição apreendida e exibida (isto é, a ‘ironia’)*”. Ou seja: é se sustentando no circuito que atrela o *intradiscurso*, o *interdiscurso* e a *interpelação* (como vínculo que aponta para o “*teatro da consciência (...) observado dos bastidores*”) que este estudo se constitui, postulando que os conectivos podem ser um mirante de observação e de elucidação de como o recrutamento pela ideologia se revela.

Antes, contudo, de desenvolver as análises que permitem sustentar a determinação do intradiscurso pelo interdiscurso via interpelação ideológica, marcadamente por meio do uso dos conectivos, e atender ao objetivo deste estudo, cabem algumas considerações ulteriores sobre a interpelação, uma vez que ela é central no que diz respeito à constituição do sujeito e para a compreensão da força de reprodução de uma ideologia que resiste e persiste à mudança.

Pautado em Althusser, Pêcheux (1995, p. 154) se refere a ela como ‘*figura*’ (grifo do autor), considerando-a uma “*‘ilustração’ (ou) um exemplo submetido a uma exposição*”, uma vez que ela é ‘concreta o suficiente para que possa ser reconhecida e abstrata o suficiente para que possa ser pensada, dando origem ao conhecimento’. Em termos de constituição subjetiva (não-subjetiva), conforme o filósofo francês, essa figura é “*ao mesmo tempo religiosa e policial*”, pois, nela, confluem determinações da ordem das crenças e da ordem das injunções policiais, que remetem, portanto, à inserção em regularidades discursivas de fé e de leis, impondo que o chamamento, o recrutamento e o emparedamento se concretizem em práticas. Nos termos do próprio Althusser (2008, p. 210-211, grifo do autor),

sugerimos que a ideologia ‘atua’ ou ‘funciona’ de tal modo que ‘recruta’ sujeitos entre os indivíduos (recruta-os a todos), ou ‘transforma’ os indivíduos em sujeitos (transforma-os a todos) por meio dessa operação muito precisa que designamos por *interpelação* que pode ser representada a partir do próprio tipo da mais banal interpelação policial (ou não) de todos os dias: ‘psiu, você aí’.

Por fim, o autor francês postula que o conceito de *interpelação* possui três virtudes no que diz respeito à elucidação do conjunto de determinações ideológicas que pesam sobre o sujeito. A primeira delas se refere ao duplo sentido do termo, que torna tangível “o vínculo entre o sujeito de direito e o sujeito ideológico”. A segunda, por seu turno, é relativa ao fato (já-referido) de mostrar o “teatro da consciência (a partir) dos bastidores”. A terceira, por fim, é a de, dada a discrepância entre o intradiscurso e o interdiscurso, fixar o chamamento do indivíduo à existência, tornando-o sujeito. É, sobretudo, sobre os dois últimos efeitos (sem obliterar o primeiro) que este estudo se constitui, dado que se trata de buscar um recuo em relação à constituição da materialidade verbal do discurso, no que se refere, crucialmente, à mobilização dos conectivos/conjunções sob o ponto de vista da análise de discurso.

3 Do Objeto: os conectivos em pauta

Em face do objetivo estabelecido para este estudo, cumpre demonstrar que, nos assim-dominados tradicionalmente, conectivos/conjunções, ou, em outras teorias, como operadores argumentativos ou recursos de coesão sequencial, materializam-se visadas ideológicas, que à “sombra”, estabelecem as razões das articulações entre as “proposições” que encadeiam. Em outros termos: para que duas “proposições” possam ser encadeadas entre si por meio de um conectivo específico, é preciso que entre elas exista um vínculo de determinada ordem, cabendo a ele, sustentando-se no que Pêcheux (1995, p. 111) designa como “*evocação lateral*” (grifo do autor) e “processo de sustentação”, efetuar uma espécie de “*retorno do saber no pensamento*” (grifos do autor), que, deixado à margem, explica por que a relação de sentido é uma e não outra. É afirmar, por fim, que duas “orações” de um enunciado são articuladas entre si por meio de uma conexão de sentido que se pauta em algo que fica em “suspense”: nas bordas.

Comentando as considerações de Frege sobre as relativas, Pêcheux (1995) atenta para o embaraço do lógico alemão com o fato de que, “a partir do momento em que uma proposição se associa a uma outra, ela expressa mais do que expressaria sozinha” (p. 116). Frege teria saído do embaraço com a alegação de que o fenômeno seria devido a imperfeições de linguagem” (p. 97), que fazem intervir um terceiro elemento a partir da junção de dois, o que seria “*apenas* uma adjunção extralógica de natureza *psicológica* produzindo no pensamento a *impressão subjetiva de riqueza e profundidade* ligada ao encadeamento-associação entre os ‘pensamentos’” (p. 116, grifos do autor). É contra o terceiro elemento ser uma adjunção extralógica que Pêcheux se posta, fazendo intervir o *interdiscurso* como fator que sustenta a articulação, o que seria demonstrável pela (re)construção dos silogismos acionados. É esta hipótese que sustenta a realização deste estudo e cujo enfoque recai sobre os conectivos.

Um alerta final antes de passar ao tratamento do *corpus* da pesquisa. Não há entre os recortes discursivos selecionados algum tipo de unidade temática ou discursiva que possa sugerir alguma razão em especial para a escolha destes ou de outros excertos. Em outras

palavras, a escolha destes fragmentos atende tão somente ao objetivo de mostrar como, neles, a articulação por meio de um conectivo é determinada interdiscursiva e ideologicamente.

3.1 Policial (*mas*) homem de palavra!

Disponível na plataforma de *streaming Netflix*, o seriado “Cuerpo em Llamas” (Corpo em Chamas”) trata do assassinato do policial Pedro Rodriguez ou por Rosa Peral ou por Albert López. O caso real do assassinato, conhecido como “El Crimen de la Guardia Urbana”, ocorreu em Barcelona, Espanha. Pedro foi morto com um golpe no crânio e teve o corpo queimado dentro de um carro deixado à margem do reservatório Foix. Rosa e Alberto foram julgados pelo crime, no entanto ainda não há uma resposta positiva sobre quem teria matado Pedro, uma vez que um atribui o crime ao outro. Em 2020, Rosa foi sentenciada a 25 anos de prisão e Alberto, a 20. O recorte transcrito a seguir, ocorre no episódio 7 (“Frente à Frente”), aos 19:00, durante o julgamento em que o juiz interroga Albert:

— E em nenhum momento passou pela sua cabeça contar a verdade para algum de seus colegas policiais?

— Esta senhora me fez prometer mil vezes e eu tinha jurado a ela que não contaria a ninguém. E eu não quis traí-la.

— O senhor era policial!

— Sim, eu sei disso. Mas (pero) também sou um homem de palavra.

A análise, neste caso, foca o conectivo *mas* (pero) que ocorre no último enunciado, uma vez que compreendê-lo como uma conjunção adversativa ou como um operador argumentativo não dá conta do atravessamento do discurso pelo interdiscurso que, como fala antes, em outro lugar e independentemente, impõe uma filiação ideológica por meio da relação de implicação a partir de um discurso prévio portador de uma noção ideológica que logra efeito de evidência, já que simula o ideológico como científico pautada num “silogismo”. Neste caso, a pergunta é como o policial depoente concebe a si e aos demais por meio do discurso.

O primeiro enunciado é proferido pelo juiz, questionando Alberto se não cogitou contar a um colega o que se passava, dado ser policial e o juiz pressupor que não seria plausível manter em segredo os eventos que ocorriam. Da ótica do magistrado, é inconcebível que Alberto não tenha contado o que se passava, até porque os colegas percebiam o comportamento estranho do policial. Alberto se justifica, afirmando que prometeu “mil vezes” não falar, jurou não fazê-lo e não “quis” trair Rosa. O juiz acha anormal o procedimento do policial, inferindo a sua culpa. O policial busca negar a autoria do crime e, ao mesmo tempo, tenta construir uma autoimagem de homem íntegro e honesto e que não seria, portanto, o assassino.

Contudo, mesmo diante da autoimagem que Alberto pretende construir, a interpelação jurídica é frontal e coloca o réu em desalinho com a conduta desejável, já que “era policial” e a atitude feria a expectativa do que se espera deste lugar social, sedimentando a possibilidade de imputação do crime. Alberto não recusa o imaginário que prevê como um policial deve agir e admite a conduta em desacordo, mas mantém a defesa de que o crime teria sido cometido por Rosa e não por ele: ele sabe que “era policial” e, por decorrência, parece ter consciência do que se esperava dele, caso não fosse o autor do crime.

Na tentativa de negar a autoria do crime, sem poder negar a cumplicidade e sem poder alegar não saber o que deveria ter feito, Alberto se refugia numa justificativa que visa mantê-lo alinhado à imagem de homem de bem e, portanto, não-assassino, afirmando que “era um homem de palavra” e se contrapondo ao discurso do magistrado por meio do contrajuntivo “mas”; e aqui está a ocorrência do que é pertinente para o desenvolvimento deste estudo.

À luz dos alinhavos teóricos tecidos, pode-se afirmar que o intradiscurso de Alberto é construído com duas “proposições” não necessariamente contraditórias, pois ser “policial” e ser “homem de palavra”, a rigor, não se opõem. A oposição só ocorre em virtude de o “mas” permitir contradizer a conclusão autorizada pela premissa menor de ele ser policial e, pois, alguém que não cumpre uma promessa/juramento e é capaz de trair. Dada a premissa menor “eu sou policial” e o ditame interdiscursivo (ideológico) que prevê que “policiais não são confiáveis” (premissa maior), o juiz estaria autorizado a concluir que ele é o assassino, porque não agiu conforme o previsto. É a este título que a operação contrajuntiva se faz; não em relação ao que está explícito, mas sobre a aplicação do discurso prévio em face do que a premissa menor autoriza. Ou seja: o intradiscurso de Alberto é assombrado por uma premissa interdiscursiva que o leva a estabelecer o encadeamento do discurso, valendo-se do “mas”, com isso, permitindo alcançar a interpelação ideológica que o constitui no tocante aos policiais.

Para efeitos de visualização da organização silogística referida e de localização de onde o adversativo se sustenta, é possível organizá-la da maneira que segue:

Premissa Maior: Policiais não são confiáveis (não cumprem promessa, não respeitam um juramento e são capazes de trair);

Premissa Menor: Eu era (sou) policial;

Conclusão: Portanto, não sou confiável (*mas*);

Contra Conclusão: Eu (diferentemente dos demais) sou confiável.

3.2 (E) é tudo por sua causa!

A série mexicana de onde foi retirado o recorte transcrito a seguir foi produzido pela *Netflix* com o título de “Las Viudas de Los Jueves” (“As Viúvas das Quintas-Feiras”). O microcosmo em que a série é ambientada, ficcionalmente, é o condomínio “Los Altos de Las Cascadas”, cujos proprietários ostentam mansões, carrões e joias de alto valor. No local, vivem Ronie e Carla Maverick (Mavi), que é proprietária de uma imobiliária e comercializa imóveis do condomínio sob a anuência dos moradores do local. O último comprador foi o casal Gustavo Maldonado, marido de Carla, que, tomado de ciúme diante de uma ausência mais prolongada da esposa, a agride com um soco no olho.

O recorte discursivo acontece aos 12:00 do episódio 5, “Família Maldonado”. Carla, insatisfeita com a vida fútil que leva, passa a trabalhar com Mavi na imobiliária sem que o marido saiba e, chegando tarde em casa após ter trabalhado o dia todo, encontra Gustavo transtornado e dominado por um ciúme infundado; ele a agride. Carla se refugia no banheiro e, horas depois, Gustavo, à porta, produz o discurso abaixo:

— Por favor, diga algo. Estava enlouquecendo. Passei o dia te ligando. E, quando descobri que tinha mentido para mim, juro que... Não sei! Não suporto que esconda coisas de mim. Mas sei que não posso te tratar assim. Carla! Por favor, diga algo. Amor, onde cresci, não tinha nada. E não podia precisar de nada. Porque, se precisasse, estaria fodido. Juro que, quando te conheci, senti que tinha algo. Que finalmente alguém me enxergava e gostava de mim. E, desde então, sinto como se tivesse a vida que nunca pensei que poderia ter. E é tudo por tua causa. Eu te amo.

Na tentativa de levar Carla a deixá-lo entrar no local de refúgio, Gustavo procura demovê-la do seu silêncio e convencê-la de que haveria uma razão plausível para o ato de agressão impetrado, pautando-se em pleitos como: “estava enlouquecendo, passei o dia todo te ligando, descobri que estava mentindo, não suporto que esconda coisas de mim, sei que não posso te tratar assim, é tudo por tua causa”, devendo-se considerar, ainda, a história da sua vida pregressa, a dedicação que tinha à esposa e as projeções que tinha feito para o futuro de ambos. Sob a forma de somatória aditiva, estes componentes do intradiscorso, em tese, deveriam levar a esposa a perdô-lo pela agressão. Como coroação do discurso, surge a fórmula “eu te amo”, que a tudo deveria desculpar, e o enunciado ambíguo “É tudo por tua causa”, que flutua entre tudo ser por ela ou a agressão ter sido provocada por ela.

Quanto ao objetivo deste estudo, destaca-se o uso reiterado do conectivo aditivo “e”, que constitui uma relação aditiva (é verdade), mas, mais do que isso, atende ao requisito de somar pleitos para fortalecer a mirada ideológica de que a violência física do homem contra a mulher pode ser justificada. Se não isoladamente, em conjunto, elas justificariam a agressão por parte de Gustavo. Ligar várias vezes, descobrir uma mentira, não saber certas coisas, ter uma infância ruim, projetar um futuro e lutar pela esposa e, ainda, saber que não deveria ter recorrido à violência e amar a esposa, encadeados pelo “e”, reforçam-se e se entrelaçam com o objetivo de alcançar uma justificativa para o comportamento truculento pautado na supremacia física do homem. No limite, Gustavo procura se albergar sob desculpas que, em última instância, servem somente para confirmar a insegurança infantil e o descontrole do homem sobre atitudes violentas.

Sobre o conectivo em pauta e dado o propósito deste trabalho, cumpre destacar que o funcionamento dos aditivos, discursivamente, atende à meta de alinhar, no intradiscorso, ditames que retornam interdiscursivamente e que, à sombra, autorizam o encadeamento entre “argumentos” que, isolada ou conjuntamente, impõem a conclusão de acordo com a previsão de uma interpelação ideológica em especial. Pondo este pleito em construção silogística com o intuito de trazer à tona o interdiscurso que, pressuposto, sustenta a articulação entre as diferentes construções do recorte, ter-se-ia, por exemplo, algo como:

Premissa Maior: A esposa deve atender ligações do marido; *e* (não pode mentir para ele); *e* (não pode esconder coisas dele) *e* (deve retribuir os favores);

Premissa Menor: Carla não atendeu (mentiu, escondeu coisas *e* não retribuiu);

Conclusão: Ela, agindo contra a expectativa, autorizou a agressão. Portanto, se há um culpado pelos eventos, é ela e Gustavo estaria perdoado.

3.3 (Se) fosse homem...

Também de “Las Viudas de Los Jueves”, vem o recorte a seguir. Ele acontece aos 2:00 do episódio 6, “Família Guevara”, uma das famílias que vivem no condomínio “Los Altos de Las Cascadas”. Ronie, marido de Maverick, é um desocupado que passa o tempo plantando, fumando e vendendo maconha; ele é uma espécie de peso morto para os seus: a esposa e um casal de filhos. Mavi, para prover a família, abre uma imobiliária e comercializa imóveis do condomínio, recebendo altas comissões. Não podendo contar com o marido, ela se desdobra entre os afazeres da empresa e as atividades domésticas. No episódio citado, voltando para casa após uma venda, ela profere o discurso do recorte:

— Se fosse homem e passasse o dia trabalhando fora, chegaria em casa para jantar e não precisaria cuidar de duas crianças.

Amparada numa relação condicional por meio do conectivo “se”, Mavi contrapõe a sua situação àquela com que se depara no cotidiano do condomínio. Ali, todos os homens são provedores, têm uma ocupação e as esposas são donas de casa e cuidadora dos filhos, atendendo à previsão dominante de família e relação matrimonial. Neste sentido, a vida de Mavi é o acorde dissonante no microcosmo que a circunda, uma vez que é provedora e cuidadora, em jornada dupla, e o marido nada faz.

O intradiscurso de Mavi se sustenta numa relação do tipo “se/então”, atravessada por uma conexão adversativa (mas sou mulher) articulada sobre o que se pode inferir da teia discursiva e que fica à margem. Articulando condicionalmente “fosse homem” com “passar o dia trabalhando fora”, unidos pelo aditivo “e”, ela está autorizada, à luz do que observa, a concluir que, se não fosse mulher, “chegaria em casa para jantar” e “não precisaria cuidar de duas crianças”. Sustentando-se num silogismo de caráter lógico-racional que, contudo, tem como amparo a historicidade dos lugares sociais, “ser homem” e “trabalhar o dia todo fora” permitem que ela conclua, ao sabor de relações ideologicamente estabelecidas, que iria para casa para se alimentar e descansar (se). No intradiscurso de Mavi, materializa-se, sob a força do interdiscurso que retorna, a previsão social do homem como provedor (mesmo que o seu marido não seja) e como beneficiário de privilégios em relação à mulher.

Se, sob um diapasão desapaixonado e fatural (“literal”), o discurso de Mavi portaria um efeito de informação constatativa, em que a linguagem funcionaria de modo especular e transparente, deve-se atentar para a contradição polêmica em relação à ideologia dominante, que desencadeia a exploração de um gênero pelo outro e permite o descompromisso de um e a dupla jornada de outro. Tudo se articula em torno da condição “fosse homem”, que é confrontada, via contradição implícita encabeçada pelo “mas”, com Mavi ser mulher e, como tal, ser submetida à sobrecarga que se abate sobre ela.

Por meio da contradição polêmica, da “agudeza de espírito” e do interdiscurso que tece em relação aos privilégios do homem, no intradiscurso, detecta-se a defesa de Mavi contra a relação “lógica” estabelecida que destina à mulher o cuidado da casa e dos filhos, colocando-a em posição subserviente. A polêmica de Mavi articula-se, pois, sobre outro “se/então”, em que, se fosse possível e sob outra interpelação ideológica, no mínimo, as tarefas de provisão e de cuidado seriam divididas.

Alcançando o fio de meada traçado para este estudo, pode-se pleitear que, neste caso, por meio de uma relação condicional criada pelo conectivo “se”, conclusões oriundas de ditames ideológicos são materializadas e dão acesso a determinações que açambarcam e se abatem sobre uns e outros. Para manter o fio de organização deste estudo, a transformação do discurso de Mavi em “silogismo” poderia ser:

Premissa Maior: O homem trabalhador não realiza atividades domésticas;

Premissa Menor: Mavi trabalha o dia todo fora;

Conclusão: Ela não deveria realizar atividades domésticas (mas, ela é mulher e deve, além do trabalho externo, cuidar da alimentação do marido e cuidar dos filhos, mesmo que ele não trabalhe e ela trabalhe fora o dia todo).

3.4 Seu orientador é (como) um pai?

O próximo recorte provém da página “Esquerda Compra de Esquerda”, colhido em 04/10/2023, e diz respeito ao anúncio de Bia Lilenbaun, “Supercolaborador”, cuja postagem aconteceu em 02/10/2023, às 12:39. Com o *post*, a autora oferece serviço de formatação de trabalho acadêmico, “revisão ortográfica e de coerência” e “orientação de escrita de artigo científico”. Para ela, o trabalho “funciona como uma espécie de aula particular de TCC” e o seu compromisso performativo vem com a promessa de que “no final ele já vai estar todinho na ABNT perfeita”. Por fim, a anunciante publica a forma de contato e arremata o discurso com um chamariz apelativo e irônico, afirmando “desabafa que eu te escuto”, antecipando o que espera de quem a procura e mostrando ter experiência com a temática, o que mostra estar preparada e conhecer a atividade que pretende realizar.

Ofereço [TCC] [ABNT] [ORIENTAÇÃO]¹

Se o seu orientador também é como um pai, me chama que eu posso ser mãe!

Olá, companheiros, eu sou a Bia do Bi.ABNT, há cinco anos trabalho com formatação de TCCs e monografias, revisão ortográfica e de coerência e agora comecei um serviço de orientação de escrita de artigo científico.

Funciona como uma espécie de aula particular de TCC, em que eu faço o papel que o bendito orientador deveria fazer e todos sabemos que eles não fazem! E no final ele já vai estar todinho na ABNT perfeita porque não somos bobos nem nada.

Chama no zap ou inbox que conversamos sobre o que você precisa! Desabafa que eu te escuto.

[...] Vamos tirar 10 juntos?

¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/esquerdacompradaesquerdaoficial/permalink/3210335522609683>. Consultado em 04 out. 2023.

Grandes momentos da graduação

O meu orientador (15:05)

Foi como um pai pra mim (15:05)

Totalmente ausente (15:05)

Neste caso, destaca-se o enunciado de chamamento do anúncio “Se o seu orientador também é como um pai, me chama que eu posso ser mãe!”. Dado o trabalho que a proponente oferece, de imediato, impõe-se um efeito negativo sobre “orientador” e “pai”, pois, no caso de o orientador não ser *como* um pai e fazer o que se espera dele, o trabalho oferecido não seria necessário; é dizer: caso o orientador formatasse, corrigisse e orientasse a escrita, não haveria necessidade de outros apoios (resta saber se as atividades mencionadas cabem ao orientador, mas isto não vem ao caso para os propósitos da anunciante); é dizer ainda: por não fazerem o que deveriam, orientador e pai são equiparados em termos de não cumprirem o seu “papal”, exigindo, por decorrência, a presença de pessoas que podem “ser mãe” e ouvir os desabafos de orientados mal assistidos.

Quanto a este recorte, importa fazer o foco incidir sobre o conectivo de comparação *como*, que equipara “orientador” e “pai” em termos de igualdade, isto é, ser pai ou orientador são figuras intercambiáveis em termos de omissão e descompromisso, já que “o bendito orientador (não fez) o que deveria fazer” e, já que é igual a um pai, este também não cumpre seu papel. Há que se considerar ainda o ingrediente linguístico “eles”, que, sob a forma de generalização indeterminada, faz a omissão alcançar a pais e orientadores indiferentemente.

Chama a atenção não ser o pai que é comparado ao orientador, mas o contrário, o que permite afirmar que é sobre a imagem negativa de pai que o discurso se articula, maculando a imagem de orientador ou, pelo menos, fazendo confluir atitudes reprováveis. Por outro lado, as imagens negativas que se entrelaçam e se reforçam, são contrapostas com a imagem positiva de “mãe”, que cumpre seu papel, e funciona neste caso como garantia de trabalho oferecido. Em termos discursivos, a sustentação da proposta se pauta na perspectiva negativa de paternidade que atinge a orientação acadêmica, tendo como parâmetro de confronto a imagem meritória de maternidade, sob a qual a autora busca se albergar, tecendo relações que se constituem por meio do conectivo de comparação.

Retomando o fio da meada, é possível sustentar que, no intradiscorso, por meio do conectivo *como*, retoma-se o primado ideológico de que pais não cumprem seu papel (eles seriam omissos), o que também ocorre com os orientadores, os quais, em face da desatenção às injunções que pretende determiná-los, autorizam um confronto negativo com as mães e a proponente com elas (a segunda parte do recorte corresponde à postagem de comentário que, em resposta à autora, mostra estar de acordo com ela). Em termos silogísticos que mostra a determinação do interdiscorso sobre o intradiscorso via interpelação ideológica, ter-se-ia:

Premissa Maior: Os pais (e os orientadores) não fazem o que devem fazer;

Premissa Menor: Você tem pai (e tem orientador);

Conclusão: Nem um nem outro farão o que devem (eis o anúncio).

3.5 Haver cognição (*para*) ver...

O último recorte discursivo utilizado neste trabalho foi retirado da resposta dada pelo professor sênior e pesquisador voluntário da Universidade de Brasília, José Geraldo. O discurso ocorreu como contradição ao da deputada federal Caroline de Toni, frontalmente agressivo e demeritório, ofensivo até, ao Movimento dos Sem-Terra (MST), por ocasião da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI), cujo propósito era assumidamente denegrir a imagem da organização destes trabalhadores. Os discursos ocorreram durante a “Votação de Requerimento de Audiência Pública”, acontecida em 14/04/2023, e foi postado na rede social *Facebook* por Cândido Duarte, com áudio original².

JOSÉ GERALDO: Eu só queria dizer assim: Otávio Paz, no “Labirinto da Solidão”, diz que os indígenas, quando Colombo chegou, não viram as caravelas. Não viram; elas estavam ali fundeadas, mas não havia cognição para poder representar cerebralmente uma imagem que era absolutamente incompatível com o quadro mental de uma cultura que não tinha elementos para visualizar; por isso que os gregos diziam que *teoria* significa “aquele que vê”; o *teoreis* é o que vê; é o que enxerga; a gente só vê o que tem cognição pra ver. Eu não tenho como discutir com a deputada, porque a sua visão de mundo, a sua percepção como cosmovisão, só lhe permite enxergar o que a senhora já tem inscrito na sua cognição.

Sustentando-se numa mirada contraditória em relação à deputada, para quem o MST seria um movimento “de clientelismo, de escravidão, de manipulação e não de emancipação e liberdade” e a CPMI seria para “desmascarar os crimes”, o professor, pautando-se na obra de Otávio Paz, “Labirinto da Solidão”, por meio de analogia, compara a situação presente com aquela que teria sido vivida pelos indígenas diante das caravelas de Colombo, que, disponíveis em toda a materialidade, não eram interpretáveis, uma vez que “não havia cognição para poder representar cerebralmente uma imagem que era absolutamente incompatível com o quadro mental de uma cultura que não tinha elementos para visualizar”. É em torno do despreparo por parte da deputada que o docente tece a reflexão, afirmando que não tem como “discutir” com ela, dado que está pautada noutra “visão de mundo” e noutra “cosmovisão”, que só permitem “enxergar o que (ela) já tem inscrito na sua cognição”.

Deve-se perceber que o pleito do pesquisador não é, em si, positivo ou negativo, já que não ter determinado conhecimento não é demeritório para alguém. Trata-se, no limite, de ainda não ter tido acesso a um saber e, por falta de conhecimento de mundo, não ter como processar uma novidade, assimilando-a e a colocando no repertório já constituído. Neste sentido, é provável que o professor admitiria que o pleito também se verifica nele, tanto que termina afirmando, embora em tom irônico: “eu vou mudar meu foco de visão para enxergar essa percepção”. Importa reter, em termos de efeito de sentido do discurso do professor, o comentário de Cândido Duarte: “Um dia, algum dia, vou aprender a chamar de burro com essa categoria toda” e o pedido de tréplica da deputada, dizendo que foi ofendida.

² Disponível em: <https://www.facebook.com/reel/6147804825297547>. Consultado em 07 out. 2023.

O nódulo central de articulação do discurso de José Geraldo se ancora no entrelaçamento de *não haver cognição* e *não poder representar cerebralmente*, em termos de condicionante que exige um para que o outro ocorra; ou seja: “não há representação, se não houver cognição” e, “se não há cognição, não há representação”, porque, em termos de causalidade, um deles é condição para que outro possa existir. A tese pode ser parafraseada também por uma relação lógica de conclusão com um conectivo como *portanto*, o que equivale a dizer que a existência da cognição traz a possibilidade da representação.

Em face do objetivo deste estudo, destaco a presença do conectivo de finalidade *para*, que constrói o efeito de que, se o objetivo é constituir uma representação, é necessário que se conceda/obtenha cognição; em outras palavras, se a meta, a finalidade ou o objetivo é “poder representar” ou ter “elementos para visualizar”, a cognição se coloca como condição inegável. Isto é: “para poder representar cerebralmente” e “para visualizar”, a deputada deveria ter sido exposta a uma cognição, tornando-se “*teoreis*” ou “aquele que vê”. Deve-se à falta de cognição da deputada, ela ter sido chamada de “burra” e dizer que tinha sido ofendida.

Como dos outros casos, também aqui é possível construir um silogismo de sustentação pautado no interdiscurso, embora, neste caso, o retorno do saber se ampare numa interpelação que não é ideológica, mas está ancorada em processos de verificação e comprovação (este já fica como o mote para a realização do próximo estudo).

Premissa Maior: A cognição permite a representação (a visualização);

Premissa Menor: A deputada não tem a cognição necessária (*para que*);

Conclusão: Ela não pode representar (e visualizar) (eis a ofensa).

4 Para Arrematar...

Parece oportuno alertar, antes de finalizar, para o fato de que a tentativa de transformar os recortes analisados em silogismos não pretende ser mais do que uma forma de trazer à tona e didatizar o fato de que o uso dos conectivos se ancora sobre miradas ideológicas, que, à revelia do sujeito e à sombra, como evocação lateral, determinam a forma de articulação dos segmentos encadeados e os efeitos de sentido que surgem por meio dela. Obviamente, esta tentativa não dá conta de contemplar tudo o que está em jogo em cada um dos casos analisados.

Estabeleci como objetivo sustentar que o uso dos conectivos, além de estabelecer uma relação de sentido entre os segmentos encadeados, ancora a articulação intradiscursiva sobre um primado anterior, interdiscursivo, que, como sustentáculo, garante que, de um segmento, se possa passar a outro, gerando um efeito. Em outras palavras: dado o segmento “a” do enunciado que, sob o peso de um terceiro elemento “c”, autoriza uma conclusão, surge um segmento “b” que permite confirmá-la ou refutá-la. É relativamente óbvio que, em “ela é mulher, *mas* dirige bem”, há uma relação de contradição, mas não é óbvio que ela não se tece entre “ela é mulher” (a) e “dirige bem” (b), uma vez que, a rigor, não há oposição entre estes dois segmentos. A contradição se faz, neste caso, entre “b” e o primado interdiscursivo: “mulher dirige mal” (c), que gera a oposição entre “b” e “c” e não entre “b” e “a”. Ou ainda: em face de “a” pautado em “c”, o interlocutor poderia ser levado a concluir algo indesejável, o que é negado por “b”.

Assim como, no caso das adversativas, o segmento “b” contradiz a conclusão autorizada por “a” pautada em “c”, as relações de sentido dos demais conectivos parecem obedecer ao mesmo funcionamento, cada uma materializando um efeito conforme o caso: causalidade, finalidade, concessão, dentre outros, sempre sob a tutela de um discurso prévio que permite a articulação. Entendo que, aberta esta frente de trabalho, surge uma possibilidade de acesso a ditames ideológicos que, transversalmente, amarram orações/proposições entre si, agindo à meia luz, implicitamente e à revelia, determinando um modo de atender às injunções do “acordo” social. Neste sentido, a percepção do funcionamento dos conectivos é um ponto de apoio para a teoria materialista do discurso concebida por Michel Pêcheux.

É preciso acrescentar que nem sempre a primazia do interdiscurso (o terceiro elemento “c”) que atua sobre a mobilização dos conectivos é de ordem ideológica, às vezes, provindo de comprovações, confirmações e demonstrações que transcendem a historicidade do sentido e remetem a processos, conforme Pêcheux (1995, p. 166), “não sustentados por um ‘sujeito’ (que seria o impossível ‘sujeito da ciência’)” e cuja evocação não se refere à retomada, “no discurso do sujeito, do pensamento de um sujeito”. É sobre o primeiro caso que surge uma possibilidade concreta de atender ao objetivo de, por meio da observação dos conectivos, contribuir para a percepção/compreensão da ascendência dos processos ideológicos sobre a linguagem.

REFERÊNCIAS³

ALTHUSSER, Louis. *Sobre a reprodução*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira, Introdução Jacques Bidet. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

PÊCHEUX, Michel. A aplicação dos conceitos da linguística para a melhoria das técnicas de análise de conteúdo. In: ORLANDI, Eni P. (org.). *Análise de discurso*: Michel Pêcheux. 2.ed. Campinas: Pontes, 2011 [1973].

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

³ É bastante claro que, para a escrita de um trabalho acadêmico, os estudiosos contam, mesmo que não percebam ou não queiram perceber, com o suporte de obras, autores e professores que, às vezes, são esquecidos, dada a limitação da memória, ou apagados, dada a atividade parafrástica que torna próprias as palavras de outros, sem que isso aconteça, geralmente, de forma desonesta. O apagamento das aspas em face da incapacidade de rememorar de onde veio cada palavra não deve ser, portanto, um elemento desabonador do que se faz, cujo fio de julgamento deve ser, sobretudo, a tese defendida e os dados apresentados para a defesa. Indo ao ponto: foram referenciadas apenas as obras efetivamente citadas na forma de transcrições e alicerces mais cruciais.